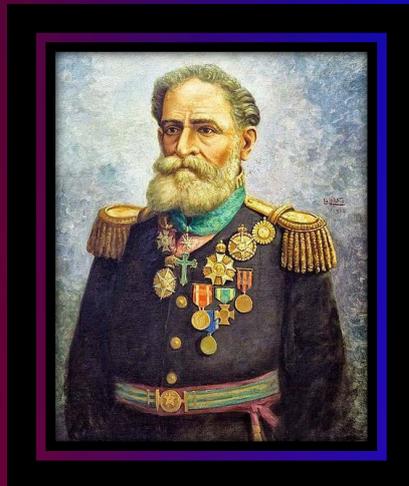


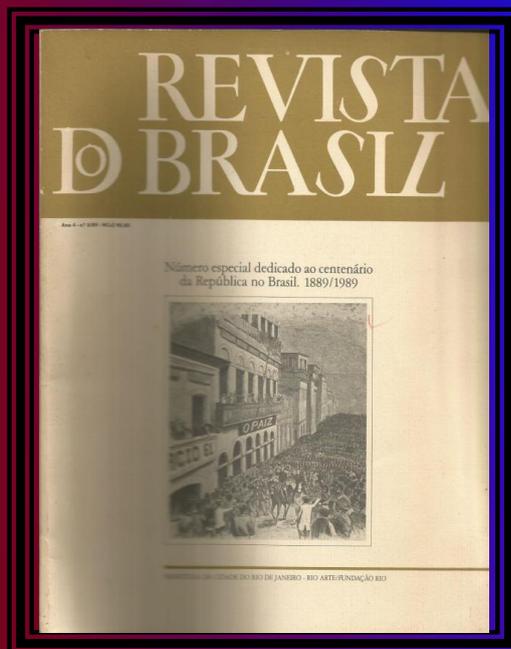
DEODORO: O DESTINO DE UM SOLDADO



Veterano Cel Eng e EM Cláudio Moreira Bento (x)



Marechal Manoel Deodoro da Fonseca



LIVRO DIGITAL

Capa por Camila Karen C. S. Renê, com as cores do Exército de fundo, feita sob orientação do autor.

Colaboraram nesse número da Revista do Brasil:

Francisco de Assis Barbosa – **Pedro II e a queda da Monarquia**
 Alberto Venâncio Filho – **O Manifesto Republicano**
 Américo Jacibina Lacombe – **A questão militar**
 Maria Lucia Ludolf de Mello – **O arquivo de Rui Barbosa e a República**
 Cláudio Moreira Bento – **Deodoro: o destino de um soldado**
 Edson Neri da Fonseca – **A Conjuração Pernambucana de 1710**
 José Murilo de Carvalho – **Um bolchevismo de classe média**
 Dirce Cortes Riedel – **A mal-amada de Lima Barreto**
 Murilo Mendes – **Paródias da República**
 Flora Sussekind – **Com os olhos dos outros**
 Vera Lins – **Índios de papelão, monumentos tropicais**
 Beatriz Resende – **Revistando a República**
 Ronaldo Rogério de Freitas Mourão – **A bandeira da República**

SUMARIO

Versões sobre a Proclamação da República p. 2
Deodoro e Floriano dúvidas e críticas p. 4
Antecedentes políticos e militares de Deodoro p. 6
Ações e movimentações de Deodoro em 15 Novembro 1889 p. 13
Sítio e demissão do Gabinete Ouro Preto p. 15
A República p.15
Razões da malquerença Marechal Deodoro - Gaspar Silveira Martins p.17
Fontes consultadas p. 17
Currículo cultural sintético do autor p. 20
Currículo da autora da capa p.22

Foi nesta Revista do Brasil que o então Capitão Augusto Tasso Fragoso de retorno de tratamento na Europa, para solucionar sequela de ferimento a bala recebido na Ponta da Armação, em combate a Revolta na Armada 1893/1894, que sugeriu a criação no Exército, do Estado – Maior do Exército, o que ocorreria no final do século XIX. O projétil que o feriu ele doou ao Museu da AMAN, bem como o seu uniforme perfurado a bala, quando comandava uma peça de Artilharia. E mais o elogio que recebeu do Presidente da República Marechal Floriano Peixoto.

Muitos dos segredos do movimento republicano foram levados para o túmulo por seus principais protagonistas, mas com reconstituição dos movimentos de Deodoro, é possível acompanhar os principais lances da conspiração militar.

DEODORO: O DESTINO DE UM SOLDADO

Versões sobre a Proclamação da República

A versão mais corrente da Proclamação da República diz que este fato histórico ocorreu logo após a entrada do Marechal Manoel Deodoro da Fonseca no Quartel-General do Exército, no local do atual Palácio Duque de Caxias e então sob as ordens diretas do Marechal Floriano Peixoto, Ajudante-General do Exército. Segundo alguns, depois de dominada a situação, Deodoro teria proclamado a República ao vivá-latão logo transpôs o porta principal do QG. A cena foi imortalizada por Henrique Bernardelli na tela “**Proclamação da República**”, que integra o acervo da AMAN. Mas quando se examinam os poucos testemunhos disponíveis, a impressão que se tem é de que o Marechal Deodoro não proclamou a República naquele momento, mas simplesmente derrubou o Gabinete Ouro Preto, reunido na Secretaria de Guerra, no segundo andar do prédio, sobre o seu portão principal. Foi isso o que realmente aconteceu. As fontes existentes permitem uma reconstituição satisfatória das ações do Marechal Deodoro no dia 15 de novembro — mas não com segurança o de seus intentos políticos, e dos principais lances da muito bem urdida, bem sucedida e incruenta conspiração político-militar. Os segredos do movimento foram levados para o túmulo por seus principais protagonistas — marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, tenente-coronel Benjamim Constant Botelho de Magalhães e o major Solon Ribeiro, no Exército — o que deixou um vazio na história do 15 de Novembro, permitindo o surgimento de diversas versões. Da análise da situação, à luz das fontes disponíveis, é possível fazer a reconstituição que expomos a seguir. Com as mortes de Osório e Caxias, emergiram os problemas entre o classe militar e o Governo, o que veio a originar a **Questão Militar**, ao longo da qual despontaram como líderes da classe militar o Marechal-de-Exército José Antonio Correia da Câmara e o Marechal-de-Campo Manoel Deodoro da Fonseca, assinalados heróis da Guerra do Paraguai. E a luta de ambos durou de 1881/1889. Em 1881, o Marechal Deodoro e seu irmão, General Severiano Martins (não confundir com o Dr. João Severiano) já integravam **Diretório Militar** que se reunia no consistório da Igreja da Santa Cruz dos Militares. O objetivo do Diretório era conseguir que oficiais do Exército e da Marinha disputassem cargos eletivos pelos partidos Liberal e Conservador, para, na Câmara e no Senado, defenderem democraticamente interesses da Classe Militar que não vinham sendo atendidos e que acabariam por provocar a **Questão Militar de 1883-88**. Ambos os partidos “cristianizaram” os candidatos militares e nenhum se elegeu. Em palestra realizada a 18 de julho último, no curso “**Os militares e a Proclamação da República**”, Américo Jacobina Lacombe disse ter sido isso causado pelo desequilíbrio entre a classe dos bacharéis em Direito e o dos militares na administração pública e na representação parlamentar. Dai surgiu, ainda mais tarde — segundo se deduz de carta do Dr. João Severiano ao seu irmão, Marechal Deodoro, quando este foi enviado em missão a Mato Grosso, depois da fundação do **Clube Militar (26 Jun 1887)** — um esforço conjunto dos partidos Liberal e Conservador para anularam influência crescente no Exército do Marechal Deodoro da Fonseca e do General Severiano Martins, seu irmão, então Ajudante-General do Exército, com a função de comandar o Exército o que

mereceu oportuno e valioso estudo do General Alberto Martins da Silva, grande estudioso da família Fonseca. O partido Republicano, em crescimento acelerado, tudo percebia e aguardava o momento ideal para tirar proveito desse confronto entre classe militar e governo. Ao penetrar no interior do Quartel-general, sem reação, Deodoro, segundo Pedro Calmon, **“apoderou-se da situação, conquistou o Governo e passou a presidir o futuro”**.

Deodoro e Floriano dúvidas e críticas

Acreditamos que então Deodoro só desejasse substituir tomou Gabinete deposto. Mas ao saber que o Gabinete deposto seria substituído por outro chefiado pelo senador gaúcho Gaspar Silveira Martins, velho e fígado desafeto de Deodoro. Não existem maiores dados que permitam uma conclusão definitiva.

Ecreveu o saudoso ex-ministro do Exército, General-de-Exército Aurélio de Lyra Tavares, no seu livro **Anstides Lobo e a República**.

“Deodoro, ele próprio, como chefe natural, não estava seguro das consequências e das responsabilidades que lhe caberiam depois, nem até que ponto iria chegar, limitando-se, quanto à eventualidade natural da composição do futuro ministério, a expor o seu pensamento e ficaria a seu cargo e de Benjamin Constant a decisão sobre assuntos militares, ao passo que as de caráter civil caberiam a Quintino Bocaiúva, com os políticos civis engajados no movimento”.

É possível que os fatos de 15 de novembro de 1889 tenham tido o seguinte curso: Conquista do Quartel-General por Deodoro; derrubada do Gabinete Ouro Preto; desfile liderado por Deodoro pelas ruas do Rio de Janeiro até o Arsenal de Marinha, onde conquistou apoio oficial da Armada; tentativa de D. Pedro II de formar o Gabinete Silveira Martins, o que teria desgostado muito Deodoro; pressão dos republicanos, militares e civis, em prol da República; proclamação da República por Deodoro, em casa, à tarde, após estar seguro de haver dominado a situação e empolgado o poder de modo irreversível. Um buraco negro que ficou na história da Proclamação da República consiste na ausência de explicação e reconstituição das ações e pensamentos do Marechal Floriano Peixoto nos dias 13, 14 e 15 de novembro de 1889. Por isso, seu biógrafo Salm de Miranda escreveu, em **Floriano**:

“O Marechal-de-Campo Floriano Peixoto é, incontestavelmente, um dos personagens mais discutidos da Proclamação da República. Os maiores ataques que lhe têm sido feitos, as maiores dúvidas contra ele o focalizam durante a jornada de 15 de novembro. Acusam-no uns de desleal, porque sendo Ajudante-general do Exército, e praticamente o comandante do Exército, não reuniu forças, não tomou providências nem comandou a resistência. Acusam-no outros de duplicidade de atitude, porque estava junto no Gabinete Ouro Preto, reunido no Ministério do Exército, apesar de

admitir seu comprometimento com a conspiração; acusam-no ainda de apático e indiferente aos graves acontecimentos de que foi parte”.

Aqui é importante lembrar o que disse o líder civil do movimento, Quintino Bocaiuva, sobre a participação do Marechal Floriano na conspiração que resultou no 15 de novembro:

“O Floriano era dos nossos havia muito. Era mesmo dos que estavam senhores do movimento. Era apenas cauteloso, com ronha (astúcia) que todos lhe conheciam. De vez em quando, dizia: “Vejam bem o que vão fazer. Não se precipitem!” (Fonte: Idéias políticas de Quintino Bocaiuva. 1987, V. 1 p/646).

Para o Marechal Rondon, tesmunga e também um dos protagonistas do 15 de novembro de 1889, a principal preocupação de Floriano era evitar derramamento de sangue neste dia — o que *foi* conseguido.

Até hoje os historiadores não conseguiram elaborar uma versão aceitável dos diálogos travados entre Deodoro e o visconde de Ouro Preto, por ocasião da deposição do Gabinete. As palavras colocadas nas bocas do Marechal Deodoro e de Ouro Preto merecem versões diversas. O próprio visconde de Ouro Preto relatou, ao escrever sobre o episódio no exílio em seu **Manifesto de Lisboa**.

“O Marechal Deodoro declarou que o Ministério estava deposto e que organizaria outro de acordo com indicações que iria ler ao Imperador. Quanto a este, conclui, teria sua dedicação, pois era seu amigo e devia-lhe atenções”.

Esta versão foi ebatida por Clodoaldo da Fonseca, sobrinho do Marechal Deodoro. Assim, em torno do objetivo político fundamental do Marechal Deodoro em 15 de novembro de 1889 existem duas correntes:

1— O objetivo de Deodoro em 15 de novembro de 1889 era apenas depor o Gabinete Ouro Preto, por ser hostil ao Exército, e substituí-lo por outro, que proporia ao Imperador;

2— Deodoro tinha por objetivo depor o Gabinete Ouro Preto e em seguida implantar a República. Como historiador coloço-me ao lado desta corrente.

Politicamente, o Marechal Deodoro não se definia como republicano e sim como conservador em razão de ***“só os conservadores terem defendido o Exército”***. Mas possuía uma larga vivência com familiares republicanos. A operacionalidade do Exército e o trato justo dos problemas da classe militar, descurados de 1870-89 pelo Império, foram as motivações principais de sua luta, a qual culminou com a Proclamação da República. A Reforma Militar executada em grande parte por seu sobrinho, Marechal Hermes da Fonseca, de 1904 a 1914, era o seu sonho profissional, segundo captou, por tradição familiar, seu parente, o historiador Roberto Piragibe da Fonseca, filho de seu sobrinho e ex-Ajudante-de Ordens Clodoaldo da Fonseca, ex ajudante de Ordens de Deodoro. Ideal que Deodoro chamava de ***“Reforma Redentora do Exército***, mas que não lhe foi possível sequer encaminhar, pois este problema vital até sofreu um retrocesso com o **Regulamento de Ensino de 1890**, do Ministro da Guerra Benjamin Constant, de inspiração positivista. Esse regulamento agravou ainda

mais o problema da operacionalidade do Exército, pela predominância do bacharelismo sobre o profissionalismo. Este só reabilitado a partir do Regulamento de Ensino de 1905.

“Eu sou as minhas circunstâncias”, afirmou o filósofo Ortega y Gasset. Assim, abordaremos a seguir as circunstâncias político-militares que envolveram o Marechal Deodoro de 1870, até 15 de novembro de 1889 e neste dia, para melhor compreendê-lo e o seu papel na História da centenária República em que vivemos.

Antecedentes político-militares de Deodoro

Deodoro voltou da Guerra do Paraguai sacralizado por seu heroísmo. Conquistou as promoções de major, tentente-coronel e coronel por **atos de bravura**. Foi também premiado por outros feitos de bravura, por condecoração específica a título de **“reiterados atos de bravura”** em combate. Em certo momento salvou a vida do General Osório, o legendário. Razão esta para ser escolhido pelos veteranos da Guerra do Paraguai para entregar a Espada de Ouro ao general Osório como presente de seus comandados na Guerra do Paraguai. Entrega solene no Parque da Redenção e defronte o local do Colégio Militar de Porto Alegre.

1873— Coronel-comandante do Regimento Mallet em São Gabriel-RS, Deodoro ingressa na Maçonaria, na loja **Rocha Negra**, fundada para promover a Abolição e a Instrução Pública. Mais tarde, como Chefe de Governo, seria elevado a **Grão Mestre da Maçonaria no Brasil**.

14 Out 1874— Deodoro deixa o comanda do Regimento Mallet, por ter sido promovido a brigadeiro. E designado comandante da Fronteira Livramento-Quaraí.

23 Fev 1881 —Participa, no Rio de Janeiro, da Fundação do **Diretório Militar**, juntamente com o General Severiano Martins, seu irmão. A entidade mais tarde se transformaria no Clube Militar/ tendo como órgão de divulgação o jornal **O Soldado**.

1883— E apresentado projeto de lei instituindo um montepio à base de contribuições dos militares e alterando a reforma dos militares. O projeto suscita reações na classe militar e é abandonado.

01 Jan 1884— Editado o primeiro número do jornal **A Federação**, dos republicanos gaúchos, que passou a apoiar os militares na Questão Militar.

30Ago1884—Deodoro é promovido a Marechal-de-Campo.(hoje General de Divisão).

23Ago1885—É nomeado Quartel-Mestre-General do Exército e portanto responsável pelo Apoio Logístico em estacionamentos do Exército.

26Set1885—Enomeado Comandante-das-Armas da Província do Rio

Grande do Sul.

Mar1886—OTenente-Coronel Sena Madureira publica artigo abolicionista em Porto Alegre. Foi violentamente atacado através da Imprensa pelo parlamentar Franco de Sá, e revida. E, em consequência, é punido. Recebe a solidariedade da classe militar e de seus líderes, Marechais Deodoro e Câmara, Tem início a principal vertente da chamada Questão Militar.

30 Mar 1886— Júlio de Castilhos, em **A Federação**, diz no artigo A classe militar. que o Governo “ofendeu os brios do Exército no incidente Sena Madureira”.

03 Set 1886— Deodoro, Presidente Interino do Rio Grande do Sul, é interpelado pelo Ajudante-General do Exército, pelo fato de não ter coibido seu subordinado Sena Madureira, de discutir publicamente através da Imprensa, e responde que não o fez em razão do regulamento vetar discussões pela imprensa entre militares, mas não entre militares e civis.

3º Set 1886— Deodoro, ainda Presidente e Comandante das Armas do Rio Grand do Sul, permite que toda a guarnição do Exército de Porto Alegre se reúna em homenagem Sena Madureira, ao que se junta o jornal republicano A Federação de Júlio de Castilhos.

04 Out 1886— Inquirido pelo Presidente do Conselho de Ministros Cotegepe, sobre punição não imposta a Sena Madureira, Deodoro reafirma “a impraticabilidade de aplicação dos regulamentos militares disciplinares aos atos públicos entre civis e militares”, o que equivaleria a se deixar os militares sem defesa, enquanto que imunidades parlamentares “tudo permitiriam”, no caso a um senador. Neste dia, Deodoro, conservador e Câmara, liberal, portanto adversários políticos, fizeram as pazes e se irmanaram na Questão Militar.

06 Out 1886 — Deodoro solidariza-se, em carta a Cotegepe, com os militares do Rio Grande perseguidos pelo Ministro da Guerra (um civil).

09 Out 1886 — O senador Gaspar Silveira Martins, no Senado, conclama o governo a prender Deodoro, recolhê-lo à Corte e submetê-lo a Conselho de Guerra. (Existe uma versão de que este senador seria o Presidente do Conselho de Ministros que sucederia Ouro Preto, derrubado por Deodoro em 15 Nov, caso não tivesse proclamado a República.)

01 Nov 1886— Deodoro é substituído na Presidência do Rio Grande do Sul (cargo político) depois de censurado por Cotegepe por **“incentivar manifestações de indisciplina”**. Quinze dias depois, ele reafirmaria ao ministro sua solidariedade aos militares ofendidos por parlamentares.

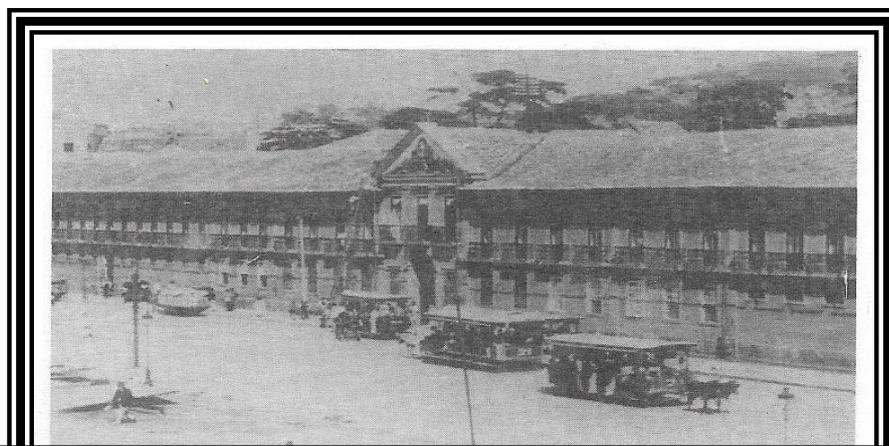
22 Dez 1886—É exonerado apedido do Comando-das-Armas e da Vice- presidência da Província do Rio Grande do Sul.

08 Jan 1887—Participa, na casa do senador Marechal Câmara, de

homenagem ao Tenente-Coronel Sena Madureira.

10 Jan 1887— Deodoro e Sena Madureira, exonerados de seus comandos, retornam, à Corte. No dia 29 do mesmo mês, os dois são homenageados por alunos da Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio. Em consequência, o irmão de Deodoro, Brigadeiro Severiano Martins, pede demissão do comando da Escola Militar.

02 Fev 1887— Deodoro preside, no **Teatro Recreio Dramático**, reunião em que a oficialidade presente aprova envio de um apelo ao Imperador para que anule as punições decorrentes de avisos e é escolhido representante da reunião, com aquele fim.



Fachada do QG do Exército. Na sala localizada acima do portão principal, foi depositado o Gabinete Ouro Preto



Campo de Santana, palco dos principais acontecimentos do 15 de Novembro. A esquerda o Quartel General do Exército. Sobre esta área e sua evolução histórica a FHE-POUPEX publicou album de nossa autoria intitulado **Quartéis Gerais das Forças Armadas do Brasil**. Rio de Janeiro, FHE POUPEX, 1988. E também se refere a esta

área Album de nossa autoria publicado pela FHE-POUPEX. **A Guarnição do o Rio de Janeiro na Proclamação da Republica**. Rio de Janeiro: FHE-POUPEX, 1989. Também publicamos o livro **O Exército na Proclamão da Republica**, 1º lugar em concurso da BIBLEx então publicado pelo SENAI, na presidência do Coronel Arivaldo Silveira Fontes.

03 Fev 1887— Deodoro escreve ao Imperador solicitando a anulação de punições baseadas nos revogados avisos disciplinares, e dois dias mais tarde é demitido do cargo de Quartel-Mestre General, ficando sem comissão por longo tempo.

12 Fev 1887— Joaquim Nabuco alerta que a Monarquia está lançando as Forças Armadas nos braços dos republicanos. Deodoro escreve a D. Pedro II e acusa o Ministro de trair o Imperador na Questão Militar.

11 Mai 1887—O Supremo Tribunal de Justiça STJ absolve Deodoro da acusação de desvio de verba do Exército, feita por Euletério Camargo, parlamentar liberal gaúcho, ex-Ministro da Guerra e também Engenheiro Militar, e a mando de Gaspar Silveira Martins.

Mai 1887—Deodoro e Câmara afirmam no **Manifesto dos Generais**, redigido em parte por Ruy Barbosa, solicitando o cancelamento das punições de Sena Madureira. **O Manifesto** atinge o seu objetivo.

20 Mai 1887— Gaspar Silveira Martins consegue que o Senado aprove moção ao Governo para cancelar punições — Cotegipe cede. Isto marca o fim da Questão Militar.

21Mai 1887—Deodoro é alertado por Júlio de Castilhos em **A Federação**, bem como o Exército, de que a atitude conciliatória do Governo em relação à classe militar ,tem por objetivo “encobrir uma pérfida vingança no futuro, já que o Gabinete Cotegipe permanece no poder.”

26 Jun 1887— Deodoro preside afundação do **Clube Militar**, sendo aclamado seu presidente. A entidade surgiu como corolário da **Questão Militar**. (Ver **Revista do Clube Militar** nº 281, 1987, comemorativa do centenário do Clube Militar. Revista que coordenamos como seu Diretor e do Departamento Cultural no Centenário do Clube)

10 Jul 1887— Floriano, em carta a João Neiva, escreve:

“Via solução da Questão Militar. Excedeu sem dúvida a expectativa de todos. Fato único que prova exuberantemente o podridão que vai por todo este país. Portanto há necessidade de uma ditadura militar para expurgá-la. Como liberal que sou, não posso querer para meu país o governo da espada. Mas não há quem desconheça e aí estão os exemplos, de que é ele o que sabe purificar o sangue de corpo social, que como o nosso está corrompido. O que pensas a respeito!” (Fonte: MIRANDA, Salm. Floriano. p. 56)

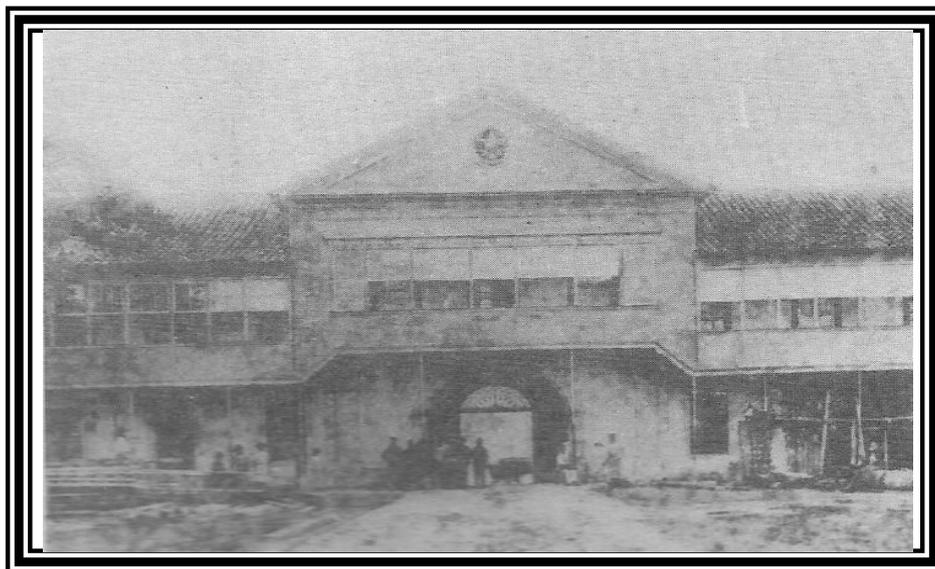
6 Out 1887— Deodoro firma como Presidente do Clube Militar, petição

à Princesa Regente Izabel solicitando a liberação do Exército de encargos relacionados com a prisão de escravos fugidos. Isto, segundo o Marechal Rondon, “acelerou a Lei Áurea e equivaleu a decretá-la.”

Março 1888— Queda do Gabinete Cotegipe em função de incidente com a classe militar gerado pela prisão em xadrez policial de um oficial reformado do Marinha. Este fato incendiou os ânimos do Clube Naval.



Central do Brasil a época da proclamação da República. A direita, a lateral do QG do Exército.



O portão principal, visto do pátio interno do QG. No alto, ao centro, as janelas da Secretaria de Guerra. Fotos cedidas pelo Arquivo Histórico do Exército.

8 Jul 1888— Deodoro é nomeado para o Comando-das-Armas da Província de Mato Grosso, **em uma** manobra para afastá-lo da Corte e ao seu irmão Severiano Martins, Ajudante-General do Exército.

02 Jun 1889— Gaspar Silveira Martins assume a residência do Rio

Grande do Sul. Toma posse à frente do Gabinete o Visconde de Ouro Preto.

08 Jul 1889 — Mal Floriano é nomeado interinamente Ajudante-General do Exército. Foi vetado pela Princesa Izabel para o Ministério da Guerra.

09 Set 1889— Correm rumores de que a segurança da cidade do Rio de Janeiro será entregue à Guarda Nacional, em substituição ao Exército, cujas unidades começam a ser transferidas para o interior do Brasil.

13 Set 1889— Deodoro é homenageado pela oficialidade do 23º Batalhão de Infantaria por motivo de seu retorno de Mato Grosso. Os promotores da homenagem são punidos e transferidos.

04 Nov 1889— Deodoro recebe em sua casa (atual Casa de Deodoro, do Museu Histórico do Exército) o Tenente-Coronel Benjamin Constant e outros oficiais que o convidam para aderir à conspiração, para proclamar a República. Nesta ocasião, Deodoro teria aderido ao movimento ao declarar a Benjamin Constant: **“Você tem razão, Benjamin, o velho já não governa mais. Vamos fazer a República”** (Segundo Heitor Lyra em **História da queda do império.**)

09 Nov 1889— Reunião do Clube Militar na qual são delegados a Benjamin Constant, poderes para levar o problema às últimas consequências. Aí ficou decidida a Proclamação da República.

10 Nov 1889— Deodoro recebe em sua casa visita de Benjamin Constant, que lhe comunica as deliberações do Clube Militar. Benjamin tenta convencê-lo da necessidade da derrubada da Monarquia. Neste dia, o 22º BI embarca, por ordem do Governo, para fora do Rio, aconselhado pelos conspiradores a não reagir. No encontro, Benjamin Constant manifesta sua preocupação quanto à real posição de Floriano Peixoto, ao que teria respondido Deodoro:

“Não há dificuldade. Nas questões militares, sempre que abordei. Floriano, ele declarou-me que não se meteria em coisa alguma para derrubar ministério. Uma vez, porém, ele pegou um botão de sua farda com dois dedos e falou— Seu Manoel, a Monarquia é inimiga disto. Se for para derrubá-la, estarei pronto”.

Já vêem os senhores que quem assim fala, há de acompanhá-lo”. (Fonte: MONTEIRO, Tobias. **Pesquisas e depoimentos para a história. Rio de Janeiro: E. Alves, 1913).**

11 Nov 1889— Oficiais do 1º RC, do 9º RC, do 2º R Art e das escolas Superiores de Guerra e Militar firmam pactos de sangue em apoio a Benjamin Constant, a quem aderem sem reservas, para lutar contra o **“espezinhamento e aniquilamento do Exército”**. Todos estes elementos, menos a Escola Militar se aquartelavam-se em São Cristóvão e constituíam a 2º

Brigada do Exército. Delas faziam parte os alferes alunos Cândido da Silva Rondon e Augusto Tasso Fragoso. Deodoro recebe em sua casa, em reunião articulada por Benjamin Constant, com Aristides Lobo, este e mais o líder civil do movimento, Quintino Bocaiúva, e mais Ruy Barbosa e Francisco Glycério. e faria união da liderança civil com a militar.

12 Nov 1889— Reassume o Ministro da Guerra, Visconde de Maracaju, enfermo há 12 meses. Face ai nsistentes rumores na imprensa sobre aqueda iminente da monarquia, Ouro Preto e o Ministro da Guerra são assegurados pelo Ajudante-General do Exército, Marechal Floriano Peixoto de que **“a situação é de completa normalidade”**. O barão do Rio Apa, irmão do Ministro da Guerra, passa o comando da 1º Brigada ao Brigadeiro Almeida Barreto.

13 Nov 1889—Deodoro convoca à sua casa o Marechal Floriano Peixoto. Este comparece ao encontro entre às 10 e 11 horas da manhã. Deodoro comunica a posição de sublevação do Exército e diz que se encontra à frente dos seus companheiros, segundo duas fontes citadas por Salm de Miranda em **Floriano** (Rio, Bibliex, 1963, p.104-108). São distribuídos, desde o dia anterior, nos quartéis do 1º RC e 10º BI, 1.º e 9º RC e 2º RA, exemplares dos jornais **Correio do Povo** e **O País** abordando as péssimas condições em que a **Monarquia** deixara o Exército.

14 Nov 1889 — O Marechal Floriano alerta o Ministro da Justiça para a conspiração em curso e invoca sua lealdade ao Governo e sua disposição de combater qualquer levante contra ele. Benjamin Constant consegue no Clube Naval a adesão do Chefe de Divisão Eduardo Wandenkolk ao movimento para derrubar a Monarquia. Deodoro tem sua vida ameaçada ao ser tomado de forte crise de asma brônquica crônica, tendo que permanecer até o início da noite no Andaraí, na casa do seu irmão, Dr. João Severiano da Fonseca, e atual Patrono do Serviço de Saúde, segundo informou o Gen Medico Dr. Alberto Marfins da Silva.

O Major Solon Ribeiro, futuro sogro de Euclides da Cunha, espalha na rua do Ouvidor boatos de que haviam sido presas pelo Governo, ao anoitecer, o Marechal Deodoro e Benjamin Constant, e de que a **Guarda Negra** — integrada por ex- escravos e organizada em 1888 por José do Patrocínio para defender a Princesa Izabel dos escravagistas — iria atacar a 2º Brigada, em São Cristóvão. O boato surte efeito e precipita os acontecimentos. Floriano não comparece à reunião em casa de Ouro Preto a fim de dar esclarecimentos sobre a carta que enviara ao Ministro da Justiça. Ouro Preto se recusa a desmentir rumores sobre a suposta prisão de Deodoro, o que só faz muito tarde. O Marechal Floriano mantém-se evasivo em relação a Ouro Preto, enquanto a conspiração caminha acelerada.

15 Nov 1889—O visconde de Ouro Preto, ainda de madrugada, decide reunir todo Gabinete no dia seguinte, no Quartel-General do Exército, no Campo de Santana, para enfrentara sublevação da 2º Brigada. A seguir, telegrafia ao Imperador informando- lhe da sublevação.

Relata Quintino Bocaiúva:

“Neste mesmo dia 15, o Ministério reunido toma providências e nós, os republicanos, seríamos trancafiados. E coisa interessante! os planos que traçamos por longos dias para apanhar reunido o Ministério foi por si mesmo nesse dia realizado. O Ministério veio por iniciativa própria meter-se em ratoeira no Quartel- General, impossibilitando qualquer ato de energia da parte do Governo contra a revolução...” (Fonte: *Idéias políticas de Quintino ... p. 645*)

Ações e movimentações de Deodoro em 15 de novembro de 1889

Já apresentando algumas melhoras após o ataque de asma brônquica de que foi acometido no dia 14, quase o levando à morte, Deodoro retornou do Andaraí, no final da noite de 14, para a sua casa. Mandava por seu irmão, 2º Tenente reformado Pedro Paulino, e seu sobrinho Hermes da Fonseca, ambos republicanos, recado a Benjamin Constant de que se colocaria à frente da 2º Brigada, vinda de São Cristóvão. Assim reagia ao alerta enviado pelo Dr. Benjamin Constant através de sua esposa, em sua casa, na mesma noite de 14 e seguramente, também de Quintino Bocaiúva, segundo depoimento deste. Deodoro se levantou cedo, fardou-se de Marechal-de-Campo e embarcou, sem a espada, numa caleça, levando num saco seus arreios. Foi ao encontro da 2º Brigada e a encontrou na altura do Gasômetro, hoje Companhia Estadual de Gás. Reconhecido, foi aclamado calorosamente. Assumia o comando das tropas da 2º Brigada assim dispostas em coluna: 1º Regimento de Cavalaria; oficialidade da Escola Superior de Guerra, transformada em Guarda de Honra de Benjamin Constant (que trazia a seu lado Pedro Paulino, irmão de Deodoro); o 2º Regimento de Artilharia com 16 peças, protegidas por homens a pé do 9º Regimento de Cavalaria e, na retaguarda, uma carroçade de munições e sobre os armões cunhetes de munição de Infantaria, para serem distribuídos aos alunos da Escola Militar e alguns praças do 1º Batalhão de Engenheiros, esperados da Praia Vermelha, sob o comando de Marciano, irmão de Benjamin Constant.

Com certa dificuldade, em razão dos efeitos do ataque de asma do dia anterior, Deodoro deslocou-se na caleça até local próximo ao Campo de Santana. Ali montou no baio nº 6, do 1º Regimento de Cavalaria cedido pelo Alferes do 1º RC, Eduardo Barbosa, e ajudado por Pedro Paulino, e foi se colocar à frente do portão do Campo de Santana, já aberto. Dispôs a tropa diante do Quartel-General do Exército, onde se encontrava reunido o Gabinete Ouro Preto e determinou ao general Almeida Barreto — que defendia o QG, mas estava comprometido com a revolução — que se incorporasse ao dispositivo revolucionário. Isto só aconteceu 15 minutos depois quando Benjamin Constant transmitiu pessoalmente sua determinação ao General. Essa tropa era constituída de Imperiais Marinheiros e parte do Corpo Militar de Polícia da Corte. Deodoro fez um sinal de irritação como braço, pedindo silêncio à tropa quando esta ovacionou Quintino Bocaiúva em sua chegada ao Campo, montado num cavalo tordilho, depois de ter dado um viva à República. (Fonte: SENNA, **Deodoro**) Percebeu então que se aproximava do QG, para nele ingressar, o Ministro da Marinha, Barão de Ladário, e mandou prendê-lo por seu Ajudante-de-ordens, tenente Adolfo Pena Filho. O barão de Ladário resistiu a bala, à ordem de prisão. Atirou com uma pistola de dois canos, um tiro no tenente Pena Filho e outro em Deodoro, errando ambos os seus alvos. A escolta reagiu e feriu levemente a bala o Barão de Ladário, que só não foi morto em virtude da ordem de Deodoro: **“Não atirem neste homem!”** O

Barão foi medicado na antiga residência do Conde de Itamarati, pouco depois transformada em sede do Governo do República.

Deodoro, ao tomar posição, tinha enviado o Tenente-Coronel Silva Teles, comandante do 1º RC, ao Marechal Floriano, dizendo que já podia conferenciar com Ouro Preto. Este responde negativamente, justificando que nenhum comando fora confiado a Deodoro, pelo Governo e que ele, Ouro Preto, não podia conferenciar com um general que se apresentava em revolução contra o Governo legal. Pouco depois das nove horas da manhã, Deodoro se aproximou do Quartel-General, defendido por cerca de mil homens ali dispostos durante a madrugada, sob o comando do Barão de Apa, irmão do Ministro da Guerra, Visconde de Maracaju, primo de Deodoro. Como concurso do capitão Pedro Paulo da Fonseca Galvão e de praças do 1º Batalhão de Infantaria, que guardavam o Quartel-general, este foi aberto. Por ele se precipitou-se Deodoro, a galope e descoberto, com o boné na mão direita, conforme o cena immortalizada por Henrique Bernardelli. No pátio, estavam dispostas as seguintes forças de defesa: Imperiais Marinheiros guarnecendo uma metralhadora bem diante do portão; o Corpo de Fuzileiros; contingente do 1º Batalhão de Infantaria de Guarda ao QG; Força de Bombeiros, 7º Batalhão de Infantaria, que se aquartelava no Mosteiro de Santo Antônio e que constituía a principal força da 1ª Brigada. Ao passar pela banda do 7º BI, Deodoro ordenou que abrisse o toque a que tinha direito. Um capitão do batalhão deu um viva ao Marechal Deodoro, que foi respondido por toda a tropa no interior do Quartel.

Deodoro estava senhor da situação: determinou às tropas que estavam no interior do QG que formassem na parte externa com a 2ª Brigada.

Deodoro desmontou e ao lado de Benjamin Constant e visivelmente abatido e combalido, subiu com dificuldades ao andar superior acompanhado de diversos oficiais, onde estava reunido na Sala da Secretaria de Guerra, desde o amanhecer, todo o Gabinete Ouro Preto, assim composto (menos o barão de Ladário): Chefe do Gabinete de Ministros: Visconde de Ouro Preto; Ministro da Guerra: Visconde de Maracaju; Ministro do Império: Barão de Loreto — (Fundador da BIBLIEX); Ministro da Justiça: Cândido de Oliveira; Ministro da Agricultura: Lourenço de Albuquerque; Ministro de Estrangeiros: José Francisco Diana.

Ouro Preto acabava de redigir um telegrama ao Imperador, que entregou ao Diretor-Geral da Secretaria de Guerra, Barão de Itaipu, para que fosse pessoalmente à Estação Central dos Telégrafos. O texto da mensagem era o seguinte:

“Senhor o Ministério sitiado no Quartel-general da Guerra, à exceção do Sr. Ministro da Marinha, que consta achar-se ferido em casa próxima, tendo por mais de uma vez ordenado debalde, por ordem do Presidente do Conselho e do Ministro da Guerra, que se repelisse pela força a intimação armada do Marechal Deodoro, e diante das declarações feitas pelos generais visconde de Maracaju, Floriano Peixoto e barão do Rio Apa de que, por não contarem com tropa reunida, não há possibilidade de resistir com eficácia, deponho nas augustas mãos de Vossa Majestade o meu pedido de demissão. A tropa acaba de fraternizar com o Marechal Deodoro, abrindo-lhe as portas do quartel. (Fonte: SENNA. Deodoro p.87)

Ao penetrar na sala da Secretaria de Guerra, Deodoro deparou com Ouro Preto de pé, apoiado no encosto da cadeira. Dirigiu-se ao Ministro da Guerra com estas palavras: **“Adeus, primo Rufino”**. A seguir, falou que se colocara à frente do Exército para vingar as gravíssimas injustiças e ofensas recebidas do Governo, as quais enumerou. Declarou que o Ministério estava deposto e que todos os ministros poderiam retirar-se para suas casas e que seria organizado outro Gabinete de acordo com indicações que ia levar ao Imperador... As críticas eram dirigidas a Ouro Preto e a Cândido de Oliveira. No tocante ao Imperador segundo Ouro Preto, Deodoro teria declarado:

“Ele tem a minha dedicação; sou seu amigo, devo-lhe favores. Seus direitos serão respeitados e garantidos”. Esta versão é rebatida como caluniosa por Clodoaldo Fonseca (**Deodoro e Ouro Preto**, p. 109).

Sítio e demissão do Gabinete Ouro Preto

Ouro Preto disse que sempre que Deodoro se referia ao Exército, Benjamin Constant completava **“e também da Armada”**. Ouro Preto se comportou com brio e dignidade. Pouco antes, tentara, por tudo, levar o Ministro e o Ajudante-General a resistirem cercados às forças superiores, apoiadas por 16 bocas de fogo. Nesta altura, um filho do Marechal Câmara, Ajudante-de-Ordens de Floriano, teria advertido:

“Esta ordem, Sr. Ministro, pode provocar entre nós, apenas, uma carnificina inútil e tremenda. Pense V. Exa. na responsabilidade e que terá tal loucura ordenando”. (Fonte: **EDMUNDO**, Luiz. **Como se fez a República**. p. 163)

Deodoro desceu para confraternizar diante do Quartel-General, com as tropas do Exército, Marinha, Polícia e Bombeiros e se colocou à frente das mesmas para um desfile. O 2º Regimento de Artilharia, enquanto Deodoro confraternizava com a tropa no interior do Quartel-General e depunha o Gabinete, deu uma salva de 21 tiros. Enquanto isto, já havia chegado ao Campo de Santana a Escola Militar, com praças do 1º de Engenheiros e mais o 10º BI, mandado para prendê-lo e que aderiu ao movimento.

A República

Deodoro se colocou à frente das tropas do Exército, da Armada, da Polícia e do Corpo de Bombeiros e percorreu o seguinte itinerário: rua da Constituição, largo do Rosário — atual Tiradentes (sede do Clube Naval) — rua do Teatro, largo de São Francisco, rua do Ouvidor (sobrado 155 — sede do Clube Militar), redação do Diário de Notícias, onde estavam Lopes Trovão, Aristides Lobo (que discursou), Silvio Romero e Almeida Pernambuco, jornal A Cidade do Rio, onde José do Patrocínio discursou, e redação da Gazeta de Notícias, onde falou Silva Jardim (segundo EDMUNDO, **Como se fez a República**, p. 168). Atropa dobrou na rua 1º de Março, junto à grejada Santa Cruz dos Militares, e foi fazer alto junto ao portão do Arsenal de Marinha, de onde surgiram os e confraternizou com aqueles oficiais, agradecendo-lhes a cooperação da Armada. A seguir

desincorporam da coluna tropas do Corpo de Imperiais Marinheiros e do Corpo de Fuzileiros Navais. A coluna marchou pela atual rua Marechal Floriano, até o Campo de Santana de onde tomou o destino de seus respectivos quartéis. Deodoro voltou para a **casa** às 14 horas, bastante doente chefes de divisão Barão de Santa Marte, Wandenkolk e Foster Vidal. Deodoro opeou do cavalo, e se manteve indefinido quanto à Proclamação da República. Os republicanos que o visitaram à tarde o encontraram prostrado. Foram recebidos por Benjamin Constant, que argumentou.

“Não se pode impor uma forma de governo ao povo, o Imperador ficará interdito. Convocarernos uma Constituinte” (Fonte: **SILVA**, Hélio. 1889—**A República não esperou** p. 127). Deodoro só proclamou efetivamente a República, à tardinha, em casa, ao assinar, como Chefe do Governo Provisório, o Decreto nº 1, referendado por seus ministros: Aristides do Silveira Lobo — Ministro do Interior; Ten-Cel Benjamin Constant— Ministro da Guerra; Chefe da Esquadra — E. Wandenkolk — Ministro da Marinha; Quintino Bocaiúva — Ministro das Relações Exteriores e interino da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

O Decreto nº1 estabelecia,entre outro pontos:

“O Governo Provisório dos Estados Unidos do Brasil decreta:

Art 1º— Fica proclamada provisoriamente e decretada como forma de governo do Nação Brasileira a República Federativa.

Art 2º— As províncias do Brasil, reunidas pelos laços da federação, ficam constituindo os Estados Unidos do Brasil.”

E prossegue dando outras providências.

Deodoro permaneceu no leito vários dias, sendo que todas as soluções encaminhadas por Benjamin Constant e Quintino Bocaiúva, segundo depoimento deste, que se refere diversas vezes à doença de Deodoro entre os dias 14 e 15 de novembro:

“Deodoro, eu soubera na véspera — estava com o peito que era uma chaga, incapaz de apanhar um chinelo. Entretanto procurado em nosso nome, fez um esforço sobre-humano, fardou-se, pediu um carro e saiu pela manhã para São Cristóvão. (**) No Mangue, encontrou-se com a força (2º Brigado) e então aquele homem, quase morto, transfigurou-se ao som marcial dos clarins! Saltou do carro, tomou o cavalo de um oficial e pôs-se à frente do corpo para comandar a vitória” (Idéias política de Quirino Bocaiúva. p. 644)

A Casa de Deodoro, foi em realidade o local onde tiveram curso as mais graves decisões que levaram ao 15 de novembro e as que sucederam a este acontecimento histórico, Foi também a primeira sede do governo da centenária República do Brasil. é monumento que precisa ser preservado a todo custo.

Razões da Malquerença Marechal Deodoro-Gaspar Silveira Martins

Uma versão maldosa e que seria uma disputa amorosa entre os dois pela viúva filha do Barão do Triunfo o General GN Andrade Neves, A admiração recíproca desta senhora com Gaspar Silveira Martins líder do Partido Liberal com esta senhora que era líder do Partido Liberal em Rio Pardo, tendo em certa oportunidade servido de enfermeira improvisada para tratar de um ferimento na perna de Gaspar Silveira Martins. A admiração recíproca do Marechal Deodoro com esta grande e que ele seu pai haviam sido amigos e grandes heróis da Guerra do Paraguai e nesta mais,

Outra versão de que compartilho foi a razão do Grande Tribuna Gaspar Silveira Martins que não pode cursar a Escola Militar no Rio de Janeiro, por problemas de visão para era um estudioso de História Militar Geral e costuma fazer críticas ferinas aos generais, referindo-se a um deles comandante na fronteira com o Uruguai, "de cair de cavalo parado" O próprio General Osório, antes de falecer, em 1879, jogou o charuto que fumava no chão e falou: "Morro e esqueço as ingratidões". Referia-se ao Senador Gaspar Silveira Martins cuja carreira política ele havia apoiado e lhe faltara seu apoio quando dele Osório o Legendário precisou. Ambos eram lideranças do Partido Liberal. Mas Silveira Martins seria líder federalista da Revolução de 1893. Qual a partir do Uruguai, inclusive com militares uruguaios degoladores invadiu o Rio Grande do Sul 3 vezes, sendo responsável moral pelo Massacre Federalista de Rio Negro. Revolução Federalista que abordo no 2º volume da **História da 3ª Região Militar**. Obra disponível em Conflitos no meu site www.ahimtb.org.br e no Google, Independente disto Gaspar Silveira Martins foi o maior mais orador de seu tempo. e por esta razão muito admirado e emitado.

Agora é o leitor que decide qual a versão que prefere. "Informação é Liberdade de escolha!"

Fontes a consultar além das mencionadas no texto

1. BENTO, Claudio Moreira, Cel. **Quartéis-Generais das Forças Armadas**. Rio, FHE-POUPEX, 1988 (e inclusive a pesquisa básica, mais ampla e detalhada existente no Arquivo Histórico do Exército).
2. _____. **O Exército na Proclamação da República**. Rio de Janeiro: SENAI, 1989.
3. _____. **A Guarnição do Rio de Janeiro na Proclamação da República**, Rio de Janeiro: FHE POUPEX, 1989.
4. CÂMARA DE DEPUTADOS. O Ministério Ouro Preto e a República. **Perfil Parlamentar de Silveira Martins**. Brasília, Câmara dos Deputados, 1979, p. 77-84.
5. CONSTANT NETO, Benjamin. **Benjamin Constant**. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1940.
6. CORREIA, Leôncio **A verdade histórica sobre o 15 de novembro**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1939.

7. CUNHA, Epaminondas Ferraz da, Gen, O Exército (Guarnição do Rio de Janeiro) no dia 15 de novembro de 1889. **A Defesa Nacional**. n.º 635, 1970. I Separata (fonte básica).

8. DUNLOP, C.J. **História dos bondes do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1953.v.2.

9. EDMUNDO, Luiz. Como se fez a República **In: A República Brasileira**. Rio de Janeiro, BIBLIX, 1934, p. 142-178.

9. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. O Exército e a República **In: História do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro:, Sergraf. IBGE, 1972, v.2. p. 671 -674.

10. FONSECA, Clodoaldo, Gen. Deodoro e Ouro Preto **In: Deodoro e a Verdade Histórica**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937, p. 109-111 (Fonte muito esclarecedora)

9 FORTES, Heitor Gen. 2.º Regimento de Artilharia **In: Velhos Regimentos**. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1964, p. 95- 133.

10 FRAGOSO, Augusto Tasso, Gen. Revolvendo o passado. **Jornal do Commercio**. 1940 (Transcrita **in: SILVA, Hélio. A República não esperou...** p. 487-489.

13. GUIMARÃES, Tiago. Como se fez a República, uma interview com o Gen. Quintino Bocaiúva **In: Idéias políticas de Quintino Bocaiúva**. Senado Federal e Casa Rui Barbosa. Central Graf. Senado, 1896.i.p.640-646 (textos selecionados por Eduarda Silva).

14. JORNAL DO COMÉRCIO DE SÃO PAULO. Quinze de Novembro — reminiscências e restituições históricas. São Paulo, 17 Dez. 1903 (Transcrito pela RIHGB, LXXIII, Partell, 1910 p.124-145 (Entrevista do Visconde de Ouro Preto).

15. MIRANDA, Salm de, Gen. Floriano e a conspiração republicana e no 15 de novembro **In: Floriano**, Rio de Janeiro:, BIBLIX, 1963, p. 94-128.

16. MOREIRA, Ilha, Mar. Deodoro o magnânimo **In: Deodoro e a verdade histórica**. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1937, p. 31-98 (Atribui a Deodoro, em 15 Nov., a frase “**A República é a nossa única saída e a salvação do Exército**”)

17. SENNA, Ernesto. **Deodoro—subsídios para a História —notas de um repórter**. Rio de Janeiro, 1913, p. 43-44 (Ata reunião de 09 Nov. no Clube Militar)

18. REVISTA DO CLUBE MILITAR n.º 281 e 282, 1987 (Edições históricas comemorativas do Centenário do Clube Militar em 1987) (Fontes importantes).

19. SILVA, Hélio. Proclamação da República **in: A República não esperou amanhecer**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1972, p. 87-136.

20. TAVARES, Aurélio, Gen. Aristides Lobo e os militares **in: Aristides Lobo e a República**. Rio de Janeiro, José Olimpyo, 1987, p. 66-71.

21. VIVEIROS, Esther de. A república **In: Rondon conta a sua vida**. Rio de Janeiro, Coop Cult Esperantistas, 1969, p.45.

(*) A este respeito, o ex-ajudante-de-ordens do Marechal Deodoro, Ilha Moreira escreveu em 1937.

“O Marechal Deodoro em matéria de República era assaz refletida, em se tratando de assunto de tão magna importância, como essa da transformação do regime política da nação. Assim, ele precisava cercar-se de garantias para que não fosse vítima de um fracasso, por não haver profundamente refletida”.

(*) Segunda major Enfermeira da FEB Iza Cansanção Medeiros, o peito e as costas do Marechal Deodoro estavam em chagas em razão do uso de ventosas. **A Veja** em reportagem especial sobre a Proclamação, assinala que Deodoro no dia 15 de novembro não levou espada e sim um revólver no bolso porque ela, presa ao cinto, castigava suas feridas. Cita como outras sintomas do mal de Deodoro falta de ar e inchaço dos pés. Afirmo a reportagem que Deodoro sofria de arterioesclerose. Disso discorda o general Dr. Alberto Martins da Silva, médico historiador e estudioso da família Fonseca. Ele reafirma que a doença do Marechal Deodoro era asma brônquica crônica, exacerbada por estresse e mudanças do tempo.

O autor na época publicou os seguintes trabalhos na forma de albuns patrocinados pela FHE-POUPEX BENTO, Claudio Moreira Bento. Quartéis Gerais das Forças Armadas do Brasil.

_____ - A Guarnição do Rio de Janeiro na proclamação da República.

_____ - O Exército na Proclamação da República. Rio de Janeiro: SENAI, 1989.

_____ - (Org) **Cadernos da Comissão Coordenadora das Comemorações dos Centenários da República e da criação da Bandeira Nacional**. Rio de Janeiro: BIBLIEX/SENAI, 1991. Obra com os seguintes artigos nossos sobre a República e a Bandeira:

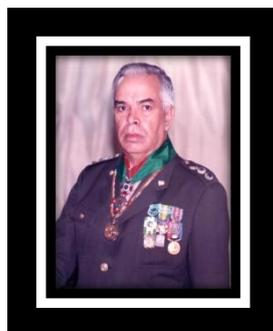
- O Clube Militar na Proclamação da República p.29-39.
- Introdução à 1ª Sessão comemorativa do Centenário da Proclamação da República Brasileira em 25 agosto 1989.p.51.
- Introdução á 2ª Sessão comemorativa do Centenário da Proclamação da República Brasileira em 26 de outubro de 1989. p.,55.
- O Exército a época da Proclamação da República p.75/106.
- A Guarnição do Exército da Corte na Proclamação da República. p.107/128.
- Marechal de Campo Manuel Deodoro da Fonseca, Estado de Saúde, Ações e Objetivos políticos no dia 15 de novembro de 1889. p.142/157.
- Enfoques diversos sobre a Proclamação da República.p.223/244.

- Roteiro histórico da Proclamação da República p.266/270.

Votos de que este nosso trabalho sirva de subsídio aos historiadores e profissionais militares em 2089 no Bicentenário da República.

N.Nota final: O autor como Diretor Cultural da Revista do Clube Militar, no Centenário do Clube em 1987, em nome do Clube, foi o orador de homenagem prestada ao Marechal Deodoro, o fundador e 1º Presidente do Clube Militar, junto ao seu Monumento na Praça Paris. O Clube Militar é chamado Casa da República, o que como historiador, o considero a Casa da República e da Abolição, pois foi o pedido do Marechal Deodoro à Princesa Izabel para dispensar o Exército da condição de capturar escravos fugidos, equivaleu de fato, a Abolição da Escravidão, ajudando a Princesa Izabel a decretar a Lei Áurea. História é Verdade e Justiça !,

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO EM OUTUBRO DE 2023



Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento, nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Filho de Conrado Ernani Bento e de Cacilda Moreira Bento. Turma Asp Mega Curso da Arma de Engenharia da Academia Militar Agulhas Negras em Resende –RJ 1955. Ingressou no Exército como Soldado em fevereiro de 195º Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército - Perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 da qual é Professor Emérito. Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos. Dirigiu

o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. É autor de mais de 150 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site. Seu antepenultimo livro foi sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982 onde criou o Museu Marechal Juarez Ravora. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas, além de diversas condecorações e distinções hoje expostas na Academia Canguçuense de História que fundou e presidiu. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS, na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos Históricos e Geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petrópolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba e correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. É cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajubá e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançou seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Em 1969, a convite do Exército dos EUA com a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e com sua Turma de formandos, visitou por cerca de 30 dias as principais instalações do Exército dos EUA, inclusive no Canal do Panamá. Este ano complementou 92 anos de idade. Em seu site e no Google pode ser

acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Aos 92 anos continua ativo e produzindo e publicando seus livros. Em função de sua carreira militar, já residiu em Pelotas, Porto Alegre, São Leopoldo e Bento Gonçalves-RS, Rio de Janeiro, Recife, Brasília, São Paulo, Itajubá-MG, Rio de Janeiro, Itatiaia –RJ e Resende –RJ, onde reside atualmente. Possui os cursos de Relações Públicas e Organização e Métodos pelo DASP em 1967 e 1968 e, o de Analista A. de Alto Nível pela extinta Escola de Informações da Presidência da República em 1975. Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail: bento1931@gmail.com.



Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cádio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição a História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

Escreveu o livro digital **RELAÇÃO DE DIPLOMAS, MEDALHAS, TROFÉUS E ETC NO APARTAMENTO DO CEL BENTO EM RESENDE-RJ**, disponível no site www.ahimtb.org.br.

Camila segundo o Cel Bento:

“Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colegio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, a tarde. Pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como habil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca da AMAN que me apoiavam. E também passou a dominar por completo o uso do Celular.

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tarefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro que de longa data recebia da FHE-POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHIMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer, não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seu estudos de Direito na Faculdade de Direito da Fundação Educacional D.Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 6 anos é muita expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Noberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site www.ahimtb.org.br. Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, que aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de Bancos e Correios. Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa acessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo bisnetos. Até ela respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.”

